

BIO-OFICINA DE FILOSOFIA: USINA DE TRADUÇÃO

Coordenador: SANDRA MARA CORAZZA

Na extensão do trabalho, o possível de uma travessia intensiva. Uma proposta: ler-escrever conceitos, perceptos, imagens, sensações em meio à bio-oficina de filosofia. Um processo: experimentar o movimento de bio-transcodificação no filosofar. Uma noção de vida: imanente, operada em vias tradutórias da língua utilizada, transcodificada. Um conceito deleuziano: transdução, modo através do qual um meio serve de base para um outro. Toma-se de Deleuze a importância da ligação tradutória entre os meios: embora cada meio seja constituído na repetição de seus elementos codificados, há comunicação entre eles e, talvez, um fundo imagético comum que possibilita o movimento da tradução de códigos específicos. O meio não é unitário, e o seu código transcodifica outros meios já codificados. Essa 'transdução', por sua vez, permite que novos componentes sejam criados e constituam novo território ao criarem um novo plano de expressão e adquirirem um ritmo, uma constância temporal e espacial. Produzido por afecções e por contágios do pensamento deleuziano, o procedimento desta bio-oficina objetiva abrir espaços de ventilações possíveis para que emergjam novas formas de escrever e outras conexões conceituais, assim como o deslocamento de lugares identitários fixados e reforçados na própria relação aluno e professor. O plano de trabalho é considerado plano de pesquisa na dimensão cartográfica do conhecimento (a cada um de seus participantes), cujo fazer produtivo está no ato de oficinas o encontro: no exercício da língua enquanto meio, meio através do qual é possível estabelecer novas relações de pensamento em conexões tradutórias com outras línguas (sonorizadas, imagéticas, corporificadas). Entende-se que a linguagem permite dizer, laçar ou constituir algo do, com e no mundo, algo produzido em campos de forças que disparam modos de dizer-ler-escrever relações, processos, objetos, sentidos... Como estratégia operacional, a bio-oficina busca retirar o esforço de preeminência da linguagem supostamente homogênea e pluralizá-la na encenação da heterogênese lingüística. Tal exercício propõe que as subjetividades estejam colocadas em cena no jogo da produção textual (imagética, poética, dialógica, corporal, gráfica, sonora). Um possível? A deslugarização das coisas, criar novas visibilidades a elas no olhar do estranhamento produtivo: encontro (entre humanos e não humanos) que produz novos elementos de escrita numa espécie de usina de traduções. Trata-se do plano de variação que há entre os sentidos e os signos disparados com e na própria língua, também produzidos e reverberados nos modos de expressão que encontramos para dizer daquilo que passa

em nós, quando algo da vida nos atinge. Bio-oficinar implica fazer filosofia na tradução de conceitos. É exercitar a transversalização tradutória entre os diferentes modos de enfrentar o caos por meio das artes, da ciência e da filosofia: assumir uma postura que ultrapassa o caráter disciplinar do conhecimento e constituir uma usina de traduções possíveis. A bio-oficina de filosofia constitui um espaço de efetuações textuais que tangenciaram a aportagem de problematizações, a vivência de diferentes processos de singularizações (seu, do outro, do grupo), a produção de autorias e a pesquisa dos elementos de intensidades produzidos em meio a leituras, sensações, afectos e possibilidades de pensamento. Propõe-se uma abertura ao escoamento de cenas da infância, mas da infância do mundo: cenas não estratificadas pela memória e passíveis de serem vividas e escritas no tempo presente. Todavia, como escrever no tempo presente implica a afirmação de uma vida, não se saberá o quanto desta vida será possível escrever, traduzir, fora do plano transcendental que criamos em nossos aprisionamentos e formas de expressão.